

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 410

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

ÁS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 13600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25400 rs e sendo duas 48000 rs.—Semestre 13250 rs.—Brazil, anno 48400 rs.—Semestre 25300 rs. moeda forte, ou 108000 reis e 55500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 80 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 4 DE JANEIRO

A' redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 17 de dezembro de 1875.

Parece-me que o seguinte artigo, que escrevi em Bolonha, no dia á noite em que alli cheguei de Padua (onde na manhã do precedente tinha ouvido missa junto ao tumulo do nosso *Taumaturgo*, e observado o que na carta descrevo), merece ser lido pelos nossos portuguezes que ainda o são. Acrescento esta ultima clausula, porque essa liberangada almejanse só por despir quanto n'ella poude haver de verdadeiramente nacional, para correr a traz do que estrangeiros lhe incolcaram, e reduzir Portugal de nobre gigante que era, a desprezível anão qual está, não merece o nome honroso de nossos maiores.

Não me lembra ter visto este artigo copiado em papel portuguez da Europa, bem que o «Apostolo» do Rio de Janeiro o haja publicado nos principios d'este anno. Por isso, encontrando agora a concomitante copia da minha carta ao dito «Apostolo», aqui a remetto ao «Commercio do Minho», a quem creio não prejudicará o dar-lhe lugar em suas columnas.

Como deixei notado, na minha missiva ao papel do Rio, creio que o «Futuro» nunca chegara a receber a minha carta de Bolonha, que só lhe remetti de Roma quando lá cheguei nos fins de novembro; ella ali va, creio que ainda hade haver algumas pessoas em Portugal que estimem receber assim noticias autenticas da grande veneração em que ainda hoje é tido o nosso milagroso Santo, na terra que illustrou em sua vida e morte.

A. R. SARAIVA.

(Ao «Apostolo», no Brazil.)

A igreja e jazigo do nosso Santo Antonio, em Padua.

Londres, 6 de dezembro de 1874.

Faz agora mesmo um anno, que, tendo eu chegado a Roma, d'alli remetti ao «Futuro», em Braga, a carta que por copia envio, e que não creio desagrade aos leitores do «Apostolo». Sem duvida, não foi recebido na redacção d'aquella folha moi honrada e catholica o meu artigo, pois, decerto, não deixaria ella de publicar o que tanta honra faz á nação que foi patria e berço de tão grande santo, e tão venerado em toda a christandade. Provavelmente, os barbaros modernos, que agora invadiram a capital do mundo catholico (muito mais barbaros, odiosos, e ladrões que os invasores do imperio romano) quizeram ver o que eu escrevia de Roma á folha de Braga, e se esqueceram de fechar de novo a minha carta e dental-a no correio. Creio que val a pena o publical-a, e não duvido que ainda tenha interesse para muitos brazileiros dos que não sejam affectados de *portuguezophobia*:

A' redacção do «Futuro»

Bolonha, 22 de novembro, 1873.

O seguinte que vou referir não deixará, creio, de dar gosto aos leitores do «Futuro», que, sem duvida, apreciam devidamente as glorias nacionais da nossa patria; e não é pequena gloria a de ter dado nascimento a um heroe christão, qual o nosso Santo Antonio, a quem tão notaveis homenagens são prestadas no mundo catholico.

Chegando eu a Padua ante-hontem á noite (tendo de manhã passado em Trento, o lugar do penultimo Concilio Ecumenico —o Tridentino), fui logo, com um cavalleiro inglez meu amigo, que me acompanhava, a uma bellissima e mui grande igreja, que tomamos por ser a do nosso Santo Antonio. Entramos, fiseimos por algum espaço nossas orações, boa parte dirigida ao Santo portuguez, depois das devidas ao Santo dos Santos; ao sair, já luz-que-fusque, percebemos que não era aquella a igreja de Santo Antonio, mas sim outra a certa distancia. Ah! nos dirigimos, e ao entrar, achamos estar ainda illuminada, e ardendo as oito luzes, que sem cessar, brilham no altar e tumulo do nosso grande Santo; mas ia-se a fechar a igreja, e assim tivemos nós então de sair, depois de um curto espiar ante o altar tumulario.

Na manhã seguinte (hontem, sexta-feira), fomos de novo á igreja do Santo, para ouvir missa e fazer nossas orações. D'esta vez não nos enganamos, e nem precisamos perguntar pelo caminho, porque todas as ruas da vasta cidade, que se dirigem á praça onde se acha a igreja de Santo Antonio, tem escripto nas esquinas, com letras maiores azues, e por cima, *Al Santo* (Ao Santo), e por baixo, em menores letras, o nome da respectiva rua. Esta circumstancia, que me deu gosto, recordou-me o que relata na *Vida dos Santos*, o distincto e mui erudito, não meos que pio, Albano Butler, quando diz, que no dia em que falleceu o nosso Santo Antonio, os meinos foram correndo e proclamando pelas ruas de Padua: «Morreu o Santo! Morreu o Santo!»

Ao entrarmos na igreja, as 9 horas, estava-se dizendo missa no altar-mór, e começava-se outra no altar encostado ao tumulo do nosso Santo. Este altar, e o tumulo, estão elevados acima do pavimento commum da igreja, por um estrado d'um degrau de marmore, lavrado na face vertical. Sobre este estrado, e a alguns palmos de distancia da borda, sobe-se por 7 degraus de bello marmore branco, e bordas lateraes de balaustrada do mesmo marmore, ao segundo estrado ou plataforma, tambem ornada de balaustrades, em que estão o tumulo do Santo, e o altar a elle encostado. Acima do tumulo, e baseado n'elle, está o retabulo atraz do altar, com sacrario, imagens, banquetas, etc.

(Continúa)

A. R. SARAIVA.

O nosso collega da «Nação» publicou ha dias o seguinte artigo:

«O governo não caça em buscar os meios para espalhar a divisão entre os legitimistas; porque a nossa união o aterra, a nossa paciencia o desconforta.

Queria elle, quando se nos abrem os horisontes da esperanza, nós mesmos os fossemos cerrar com a imprudencia.

Está enganado, não o consegue.

Ha muitos annos temos soffrido, temos visto cair, nos apoz outros os nossos melhores soldados, que todos cerrando os olhos á vida para se abraçarem com a morte, nos diziam:

Esperae!
E temos esperado, esperaremos ainda, e a nossa esperanza não é vã, porque Deus tem abençoado a nossa constancia.

A dôr tem sido o cadinho que nos tem purificado, separando de nós as escorias que tornavam o metal impuro.

Severas lições nos tem dado a experiencia, mas d'ellas temos aproveitado.

Os tempos não tem passado debalde e os que nos julgavam estacionarios temem-nos, porque avançamos parados.

Indifferentes ás accusações de muitos,

permanecemos no nosso posto, pois não queremos que as impaciencias de Varrão nos tragam desastres semelhantes ao de Caaas.

A prudencia de Fabio Maximo preparou as victorias de Scipião, ella salvou Roma, ella destruiu Cartago.

Uoamo-nos todos, não haja entre nós divisões, e aos que entre nós pertencem lançar a discordia, semear a desconfiança, voltemos-lhes as costas dizendo-lhes:

—Vós não sois legitimistas!

Transcrevendo este artigo, ajunta o «Direito», do Porto, o seguinte, que fazemos nosso

Não sabemos se o nosso bom collega da «Nação» está bem ou mal informado respecto a maneios do governo para conseguir a divisão do partido legitimista, porém este o collega bem ou mal informado, nós tambem diremos:

Uoamo-nos todos, não haja entre nós divisões, e aos que entre nós pertencem lançar a discordia, semear a desconfiança, voltemos-lhes as costas, dizendo-lhes: vós não sois legitimistas!

Mas acrescentemos:

Uoamo-nos todos os que somos verdadeiros catholicos e legitimistas; protejamos por todos os meios, ao nosso alcance, e que estão dentro da esfera da lei, a causa carlista, que é a nossa causa, sigamos o exemplo dos legitimistas e catholicos francezes, imitemos os catholicos allemães, inglezes, belgas, italianos, e em geral de todo o mundo; lembremo-nos de que se D. Carlos triunfa, nós tambem um dia triunfaremos, e se a legitimidade não vence em Hispanha nós podemos desenganar-nos de que nunca venceremos.

A causa porque pelega D. Carlos, é a causa do catholicismo, é a causa da legitimidade, não só hispanhola, mas tambem europeia; quem pensar o contrario engana-se, redondamente.

Será mau catholico, será pessimo legitimista aquelle que se tem por tal, pôde e não quer proteger a causa de D. Carlos, que é a causa da ordem, a causa da justiça e da sociedade, e para isso não é necessario fazer outro sacrificio que algumas pequenas economias, cortar por algumas despesas superfluas e mui secundarias, como são os theatros, o jogo, o tabaco, etc., e aquillo que se havia de gastar superfluamente com os vicios embora tolerados, não seria melhor empregal-o em socorrer os feridos, em matar a fome e cobrir a nudez a tantos infelizes que o governo de Madrid condemnou innocente e barbaramente ao ostracismo liberal?

Não comprehendemos que catholicos e que legitimistas sejam aquelles que assim se appellidam, que pôdem e que não querem proteger a causa carlista soccorrendo os seus feridos e necessitados!

Ah! esses não são catholicos nem legitimistas: são egoistas, são aquelles que em Hispanha se chamam *oxalateros* e entre nós *oxalateiros* e que se contentam com o dizer: «oxalá, Deus o permitta! a causa é de Deus e então não tem duvida, não carece dos nossos soccorros». Isto não é confiar na Providencia divina, mas sim abusar d'ella.

A esses oxalateiros, a esses verdadeiros fariseus da legitimidade religiosa e politica, tambem nós diremos, quando elles acobertados com a mascara da impostura e da hipocrisia, quizerem entrar no nosso campo: PARA TRAZ, AQUI NÃO ENTRA NINGUEM QUE NÃO SEJA CATHOLICO E LEGITIMISTA; VÓS MÃO SOIS NEM UMA NEM OUTRA COUSA; QUEM NÃO É POR NÓS É CONTRA NÓS, FÓRA D'AQUI!

Repetimos ainda mais uma vez: não

podemos comprehendere que hajam catholicos e legitimistas que possam e que não queiram proteger a causa carlista; uma causa que é a causa de Deus, e que por isso tem contra si tudo o quanto no mundo ha de revolucionario, de impio, de heretico e de mau; mas quem sabe! talvez que elles esperem que Carlos VII esteja em Madrid para então socorrer a sua causa, ou que por falta de recursos elle não possa vencer a revolução e se veja obrigado (o que Deus não permita) a abandonar a patria e a procurar um refugio no estrangeiro, ou a morrer com as armas na mão, mas então, tanto n'om como n'outro caso, já será tarde, e por isso digamos ainda outra vez:

Uoamo-nos todos, não haja entre nós divisões, protejamos como pudermos, mas sempre com legalidade, a causa carlista, que é nossa causa tanto catholica, como legitimista, enquanto é tempo; e se algum d'entre nós for de parecer contrario, que saia para fóra do nosso campo, pois que o seu lugar não é entre nós, mas entre os nossos inimigos, embora elle diga o contrario porque ou é um imbecil ou um hipocrita. Assim temos pensado, assim pensamos, e assim pensamos sempre.

Noticias d'Hispanha.

Durango, 25 de dezembro.

S. a. r. o conde de Caserta, chefe d'estado maior general do exercito real em o norte d'Hispanha, cuja nomeação tem sido acolhida com entusiasmo n'estas provincias, desenvolve a maior actividade na organização das linhas de defesa e repartição das forças que elle entende oppor victoriosamente ao inimigo, desde que este, passando enfim das fanfarrices aos factos, começar um movimento qualquer sobre um ou varios pontos. Da sua parte, os commandantes generaes secundam optimamente as habeis disposições do principe, que tem na maior confiança, e que cercam d'affeições, de estima e respeito.

Sob as inspirações do rei, cuja alta direcção e interessante trabalho hoje reconhecem os jornaes e os despachos de Madrid, e com generaes visionarios como o bravo Carasa na Biscaya, Rodriguez na Guipuzcoa e Ugarte em Alava, o conde de Caserta está hoje apto para contrabalançar pela força das armas, apesar da inferioridade do numero, os generaes affonsistas Quesada, Martinez Campos, Moriones, Loma, Echevarria, Despujols, esperando que Jovellar e seu pupilo venham, se o coração lh'o dictar, tomar parte na derrota do exercito liberal pelos voluntarios reaes.

Ao tomar posse do seu commando, o velho general D. Francisco Saenz de Ugarte dirigiu aos alavezes uma ordem do dia na qual lhes recorda que a lealdade e a disciplina são de immensas vantagens contra um exercito mercenario e infiel a todos os seus juramentos, e que se trata de salvar a religião, de restituir á patria a sua gloria e esplendor passados, de dar á Hispanha inteira um rei catholico, cavalheiro, e de conservar intactas as veneraveis instituições da provincia, contra as quaes se desencadeiam actualmente todos os odios do partido liberal.

Esta campanha contra os fóros das provincias vascas suscita em Hispanha grandes agitações, e a opinião publica está vivamente preoccupada. Uns, aquelles que querem destruir tudo, applaudem a ideia de apagar todos os vestigios, de abolir todas as instituições do passado; outros, aquelles que se esforçam em reunir duas cousas que se combatem: as tradições nacionais e o elemento revo-

luzionario, protestam energicamente contra toda a tendencia que affecte essas im-
midades, que são a condição essencial
da união das provincias vascas á Hispa-
nha.

No entretanto, os verdadeiros interes-
sados, os vascos, sem se occuparem do
que pôde dizer ou fazer o governo de
Madrid e seus approvadores ou contra-
dictores, estreitam as suas fileiras em vol-
ta do rei legitimo que legalmente pro-
clamaram por seu senhor e mestre, e sa-
berão, com elle, impôr pelas armas, ao
resto da Hispanha, o respeito de seus di-
reitos, de suas franquias e de suas insti-
tuções.

O general Egaña completamente resta-
belecido da sua quèda, que poderia ter
graves consequencias sobre um corpo co-
mo o seu, crivado de 18 feridas, reto-
mou o seu serviço de ajudante de cam-
po junto de s. m. o rei Carlos VII.

Os generaes Mogroviejo, Valdespina,
Iparraguirre e Lizarraga, assim como o
brigadeiro Boet, fazem igualmente parte
da comitiva do rei durante a sua estada
em Durango, que fica apenas a 6 leguas
de Vitoria, residencia do general Quesa-
da, e 5 de Bilbao, a cidade rebelde e
loquaz, como a classificaram seus habitan-
tes depois que reconheceram a loucura de
se sacrificarem por ingratos, insurgindo-se
contra o rei legitimo, que, por vontade
ou á força, deverão dentro em pouco ad-
mitir por senhor de Biscaia.

Na manhã do dia 23 os carlistas as-
sestaram uma nova bateria contra o forte
de Santa Barbara de Hernani. Esta bate-
ria, estabelecida sobre o pinaculo de Ar-
ricarte, tem ocasionado sérias perdas ao
inimigo e causado grandes danos áquelle
forte.

O fim principal d'este ataque, organi-
sado pelo general Rodriguez, commandan-
te general da Guipuzcoa, era obrigar o in-
imigo a sair do recinto de seus fortes para
o bater e vencer a descoberto.

Por volta do meio dia um espesso ne-
voeiro fez suspender o fogo, sem que o
inimigo tivesse tentado a menor sortida.
Não sabemos ainda se é necessario attri-
buir a sua inacção, ou insufficiencia de
suas forças, ou ao nevoeiro, ou á confu-
são em que o poz o fogo dos nossos ca-
nhões.

Por extracto :

De Saint-Chéron.

GAZETILHA

Horroroso incendio.—Na madru-
gada de domingo accordou esta cidade aos
repetidos toques de incendio, manifestado
n'um predio, na Cruz de Pedra, onde
vivia o sr. dr. João de Mendonça e per-
tencente ao mesmo sr.

Quando poderam ser prestados os pri-
meiros socorros, já o incendio havia to-
mado terriveis proporções e reduzido a
cinzas grande parte d'aquelle formoso edi-
ficio.

Poucos momentos depois era horroroso
o espectáculo que se apresentava aos
olhos dos que tinham concorrido ao lo-
gar do sinistro. Por toda a parte linguas
de fogo saíam com tal impetuosidade e
ruído que parecia procederem de toda uma
cidade em chamas. Fragmentos de telha
ou de madeiras cortavam os ares em to-
das as direcções, impellidos pelo terrível
elemento, e iam cair a espantosa distan-
cia, ainda chamejando.

Não obstante os esforços heroicos da
companhia de bombeiros e de numerosos
particulares, o predio ficou reduzido a cin-
zas, sendo poucos os objectos que po-
deram ser salvos, e ainda assim quasi to-
dos damnificados.

O fogo communicou-se a duas casas
proximas, que tambem soffreram bastante.

Para se conseguir a completa extinc-
ção do incendio, um dos mais horroroso-
s que tem presenciado esta cidade, foi
preciso trabalhar todo o dia de domingo.

Um dos individuos que alli concorreu,
por nome João Macieira, caçador, acha-
se em perigo de vida, em consequencia
de ser contundido no peito por um bar-
rote, na occasião em que abateu parte
do telhado.

Não nos consta que haja mais des-
graças pessoas a lamentar.

Prisão.—Já se acha preso o creado
que ha dias dissemos ter industriosamente
furtado varios objectos ao sr. Falcão, das
Carvalheiras.

Suspensão.—O nosso illustrado col-
lega da capital, «Jornal de Lisboa», suspen-
deu por alguns dias a sua publicação.

Deu causa a esta suspensão, a mu-
dança das officinas e do escriptorio do
mesmo jornal.

Azeite novo.—Tem já apparecido no
mercado de Coimbra muita quantidade de
azeite novo; mas sustenta o preço de
1\$220 rs. o alqueire.

Noticias de Macau.—Alcançam as
ultimas a 2 de novembro. Continuava
desgraçadissimo o estado da colonia.

Da missão que o governador enviára
ao vice-rei do Cantão, ácerca das vexa-
ções que os cruzeiros chinezes faziam ao
commercio licito de Macau, não era co-
nhecido o resultado, e mal d'elle se agou-
rava. Muitas lojas das chinas estavam fe-
chadas, e era geral a desanimação, es-
caceando cada vez mais os rendimentos
publicos.

O Deão e governador do bispado, o
reverendo Manuel Lourenço de Gouveia,
parece que decidira continuar n'este car-
go, que aceitára com grande repugnan-
cia, até chegar o novo bispo o sr. D.
Manuel Ennes, cuja demora tão lastima-
da e prejudicial é, o que muito animára
a gente boa de Macau, receiosa de que
tão digno sacerdote deixasse de governar
o bispado, e tudo caísse na precedente
anarchia e vergonha na administração ec-
clesiastica.

Consta-nos que o dicto sr. bispo D.
Manuel, solicita e consegue, em atten-
ção á sua idade e pessimo estado de
saude, ser transferido para alguma diocese
do reino, e que se trata de apresentar
novo bispo para Macau. Deus permitta
que o governo faça boa escolha, não só
nos dotes intellectuaes e moraes, mas
tambem nas forças físicas e idade de ac-
ção e energia, que tão necessaria é nos
bispos do ultramar.

O seminario de Macau muito tem me-
lhorado do anterior estado de desorgani-
zação, desleixo, e desperdícios de seus
fundos e rendimentos, a que o levou a
deploravel e criminoso administração do
sr. padre Antonio Luiz de Carvalho, ex-
governador do bispado.

Os sacerdotes alumnos do collegio das
Missões de Sernache, alli fazem bons ser-
viços, e alguns iam partir para a missão
de Timor. Um d'elles o rev.^o padre Go-
mes tem-se distinguido entre seus com-
panheiros, e até no pulpito, como se vê
na noticia que em seguida copiamos do
«Jornal de Macau», de 20 d'outubro ácer-
ca da solemnidade do Jubileu do Anno
Santo, praticada com muita concorren-
cia e esplendor n'aquelle cidade:

«Como estava annunciado tiveram lo-
gar nos dias 15, 16 e 17 do corrente as
procissões em visita ás egrejas determi-
nadas e os exercicios e praticas religio-
sas.

A primeira pratica do dia 15 foi feita
pelo rev.^o padre Medeiros, reitor do Se-
minario, na qual desenvolveu com argu-
mentos solidos o verdadeiro fim do ho-
mem, e concluiu por exhortar a todos
que seguissem os preceitos da nossa san-
ta Religião, observando os Mandamentos
de Deus e da Igreja, como os unicos
meios que nos levam ao nosso verdadeiro
fim. Em á seguida á pratica houve um
bocado de leitura espiritual feita pelo rev.^o
padre Alves, que acabou ao meio dia. De
tarde fez a pratica o exm.^o sr. Governador
do bispado, a qual versou sobre o
Jubileu, sua instituição, e as condições
indispensaveis para o ganhar. Depois da
pratica começou logo a procissão.

No dia seguinte (16) ás mesmas horas
e com a mesma ordem tiveram logar os
exercicios e praticas do dia antecedente,
sendo porém feita a pratica de manhã pe-
lo rev.^o padre Gomes, o qual servindo-se
do texto, *Qui vult venire post me abne-
get semetipsum et tollat crucem suam*, fal-
lou admiravelmente sobre as cruces; que,
com animo e fortaleza, devemos levar até
ao fim da nossa carreira mortal.

No terceiro dia (17) tornou a appare-
cer no pulpito o rev.^o padre Medeiros,
fazendo a pratica de manhã, a qual ver-
sou sobre o peccado e sobre as suas fun-
estas consequencias. A um sacerdote ou-
vimos nós dizer que, depois da saída dos
jesuitas, não tinha ainda havido pratica
igual á que n'este dia fez o rev.^o padre
Medeiros.

Foram, emfim, 3 dias de verdadeira
penitencia; 3 dias de muita edificação
religiosa, e em que houve mais de 3.000
communhões! São muitos os fructos que
d'elles se tiraram, e d'um individuo sa-
bemos nós, que, depois de ouvir uma
das praticas, fôra ter com o padre prê-
gador e lhe dissera pouco mais ou me-
nos n'estes termos: «Padre, ha 16 annos
que me não confesso. Reconheço o mal

que fiz, e estou resolvido a emendar-me
e a mudar de vida; quero confessar-me
e observar as condições necessarias para
ganhar este jubileu!»

A Cathedral esteve quasi apinhada de
fieis em todos os 3 dias, e todos ou a
maior parte animados do espirito de Deus,
e do desejo do bem de suas almas. To-
dos observavam o mais profundo silencio,
e todos mostravam sentimentos de gran-
de compunção e respeito, chegando mui-
tos individuos a estarem de pé quasi 2
horas, sem mostrarem o menor movimen-
to de enfado ou cansaço.

O ex.^{mo} governador do bispado anda-
va sempre risonho, e parecia indicar que
grande alegria e consolação experimenta-
va ao ver a gloria que a Deus davam
os seus diocesanos, que tão dispostos es-
tavam a ganhar o Jubileu.

A's procissões concorreu um numero
incalculavel de catholicos que tomavam
grande extensão, caminhando todos com
muito respeito e devoção. A ordem da
procissão era a seguinte: Adiante de
todos ia a cruz da Se, em seguida a
confraria de Nossa Senhora do Rosario,
a cruz e a confraria da Ordem Terceira,
e atraz d'esta os homens. Depois dos
homens seguia-se a comunidade do Se-
minario e o clero todo. Fechavam em-
fim a procissão as mulheres que excediam
o numero de homens.

Quem chegasse a Macau n'esses dias
não poderia deixar de exclamar admirado:
«O povo de Macau é profundamente reli-
gioso!» E é com effeito: religião, tem-
n'a elle arraigada no coração, o que lhe
falta e bastante é uma sólida instrução
religiosa. E' por isso, que muito seria
para desejar, que sua ex.^a o sr. go-
vernador do bispado, para não deixar
tambem perder o fructo d'estes dias de
santificação, ordenasse que em todos os
domingos houvesse, pelo menos na Ca-
thedral, uma pratica e explicação do ca-
tecismo feita por algum dos rev.^{os} pa-
dres que tiveram a graça de n'estes dias
tocar o coração dos fieis.

Antes de acabar este artigo, não po-
demos deixar de manifestar a nessa ma-
goa, por vermos um militar que appa-
recia n'esses dias no meio das rnas pa-
ra mostrar a sua ignorancia e falta de
educação conservando-se com o *bonet* na
cabeça e com o charuto na bocca ao
passar em frente do angusto simbolo da
nossa redempção, em frente d'um Deus
humanado e pregado n'uma cruz por cau-
sa dos homens! Um militar, e um mili-
tar catholico e portuguez portar-se assim!
Que escandaloso! Que vergonha! que mi-
seria! um protestante não faria outro tan-
to! O sr. Ebele e mais outro protes-
tante pararam, tiraram o chapéu, e se
conservaram com toda a seriedade em-
quanto passava a procissão. E o que fa-
zem os protestantes por civildade sómen-
te, não fará um militar catholico e por-
tuguez?!—(Palavra).

Noticia geografica.—O tenente in-
glez Cameron, chegon no dia 19 de ou-
tubro ultimo a Loanda, na costa occiden-
tal de Africa, procedente de Ujidi, d'onde
partira em maio de 1874, isto é ha anno
e meio. Esta noticia tem para os geogra-
fos uma importancia de primeira ordem.
E' a primeira vez que o continente afri-
cano é atravessado de lado a lado. M.
Cameron padeceu grandes trabalhos de-
pois da sua partida de Zanzibar, para
chegar á cidade de Ujidi, no lago Tan-
ganika; no caminho perdeu dois compa-
nheiros europeus.

Nesta viagem o viajante Cameron re-
ctificou o mappa do lago Tanganika, ex-
plorou o Loukonga, rio pelo qual o grande
lago africano derrama as suas aguas para
oeste, na região onde morreu o dr. Li-
vingstone, e onde este celebre investiga-
dor encontrára uma serie de lagos e de
rios que tomou pelas nascentes do Nilo
e que podem muito bem ser as do Con-
go. A chegada do tenente Cameron a
Loanda parece demonstrar a realidade
d'esta ultima hypothese.

**Monumento a Christovão Co-
lombo.**—Eis a descripção de um monu-
mento que vai ser levantado a Christovão
Colombo n'uma das grandes praças publi-
cas do Mexico.

O celebre navegante está de pé, com
uma das mãos erguida para o céu, como
quem dá graças á Providencia e com a
outra desigoando no mappa-mundi a des-
coberta da America.

Ao seu lado estão: Leon Diego, a
quem Colombo deveu o não ser queimado
pela inquisição: Juan Perez de Marcheno,
superior do convento Prohibido, cuja activa
collaboração contribuiu para a descoberta

do Novo-Mundo: Lascasas, bispo que se
expatriou para ir catechisar os infieis das
Novas Indias; e emfim um missionario
pregando a palavra de Deus a um joven
indio.

Estas 5 figuras de bronze, habilmente
agrupadas em volta do personagem prin-
cipal, produzem um bello effeito. A altura
total do monumento é de 10 metros.

O pedestal é ornado de dois baixos
relevos, representando a igreja e o desem-
barque de Christovão Colombo.

As estatuas são obra do esculptor Gor-
deiro, e pesam 150.000 kilogrammas.

Exequias.—No dia 3 do corrente ti-
veram logar na igreja do Hospital da S.
Marcos d'esta cidade as exequias previa-
mente annunciadas, suffragando a alma do
generoso bemfeitor d'aquelle estabelecimen-
to, o rev.^o abbade Antonio Joaquim Nunes
d'Abreu, ultimamente fallecido. A es-
te acto assistiu a exc.^{ma} Mesa da Santa
Casa da Misericórdia, os testamenteiros e
alguns amigos do finado.

Cabe aqui louvar a respectiva adminis-
tração pela resolução que tomou em tribu-
tar d'esta forma toda a sua gratidão e re-
conhecimento a tão insigne bemfeitor.

Honra lhe seja.

Pobreza d'homens celebres.—
Homero viveu e morreu na mendicidade.
Tasso não pôde comprar uma vela para
escrever de noute a famosa *Jerusalem*. Eso-
po foi um desgraçado que se despenhou
no monte Delphos. Olivay expirou n'um
palheiro. Bethneis morreu de miseria n'um
celleiro. Murillo percorria descalço as ruas
de Sevilha. Le Sage viveu de esmolas.
Cornelle não teve no dia da sua morte
uma tijella de caldo. Adamson não sahia
á rua por não ter calçado. Cervantes es-
creveu o seu immortal *D. Quixote* n'um
calabouço, e morreu de miseria e desespe-
ração. Camões morreu n'um hospital.

Roubo sacrilego.—Na noite de 21
para 22 do passado, foram roubados da
igreja parochial de Santo Aleixo, do con-
celho de Moura, no Alemtejo, os vasos
de prata em que achavam os santos oleos
e as formulas sagradas.

Suppõe-se que foi mais do que um
delinquente.

Para perpetrarem o roubo, arrombaram
as portas da igreja com uma pua, depois
arrombaram o sacrario e fizeram ainda ou-
tros arrombamentos interiores.

Calcula-se o valor do roubo em 60\$
a 70\$000 réis.

Passo gratuito.—Por portaria do
ministro das obras publicas foram aucto-
rizados os directores dos caminhos de fer-
ro do Minho e Douro a conceder passe aos
individuos que forem indicados pela socie-
dade agricola do Porto para transitarem
n'aquellas linhas gratuitamente nos mes-
mos caminhos todos os productos desti-
nados á exposição da Philadelphia.

Sinistros maritimos.—Continuam
os sinistros maritimos.

Um despacho de Hong-Kong, de 21 do
passado, dirigido ao Lloyd, annuncia que
o navio francez «Amiral Duvaux», indo de
Wampoa para Londres, se perdeu comple-
tamente no estreito de Sonda.

—Escrevem de Cherburgo:

O paquete da companhia transatlanti-
ca «Labrador», procedente de Nova York,
teve que arribar aqui por causa do nevoeiro
e desembarcou as malas e os passagei-
ros.

Luz electrica.—Uma das mais uteis
aplicações da luz electrica é a illumina-
ção dos pharoes. No litoral da Inglaterra
e França já funcionam alguns pharoes ele-
ctricos, que prestam relevantes serviços á
navegação, evitando naufragios, e o cho-
que e abaloamento dos navios, quasi sem-
pre perigoso e fatal.

Lutos.—O luto pesado em Portugal
até ao reinado de D. Manoel, era de bu-
rel branco, sendo até então o traje negro
indicio de prazer e alegria. O primeiro lu-
to negro que se usou, foi pela morte de
D. Philippa, tia de el-rei D. Manoel. A
côr do luto entre os chinas é o branco,
symbolo da pureza das almas soltas dos
laços terrestres. Entre os Armenios, Sy-
rios e Turcos é o azul, côr de céu. Na
Ethiopia é a côr da terra que recebe os
restos mortaes. No Egypto é o amarello,
côr de folha quando cae e morre.

O Vesuvio.—A erupção do Vesuvio
continua acentuando-se cada vez mais, ten-
do apparecido o fogo no interior da trate-
ra; para vel-o é necessario subir ao ci-
mo do monte; o penacho de fumo é im-
menso, e como o professor Palmieri an-
nuncia do observatorio situado a meio da
montanha, que a erupção durará provavel-
mente muito tempo, é grande o desas-
socego nas povoações da Torre del Greco,

Resina, Somma e outras situadas proximo do Vesuvio.

Estatistica.—Segundo dados estatisticos publicados no *Almanach de Golha* para 1876, ha em Franca 35 milhoes de catholicos, cerca de 500:000 protestantes, 49:000 judeus, 3:071 individuos pertencentes a diversos cultos, isto é, mahometanos, bouhistas, etc. e 82:000 francezes que declararam não reconhecer religião alguma.

Scena do nevoeiro em Pariz.—Um sujeito e uma senhora, que apesar de estarem um ao pé do outro não differencavam senão os vultos:

—Permite-me que a acompanhe a casa?
—E' inutil, senhor, estou quasi ao pé da minha porta.

—Tenho immensa pena, minha senhora.
—Eu vou com pressa porque meu marido deve estar com cuidado se já chegou a casa.

—Ah! E' casada?
—Infelizmente!
—Tambem eu! desgraçadamente!
Suspiraram ambos. D'alli a passos:
—Pego-lhe que se vá embora. Eis-me chegada a casa.

—Tambem eu.
—A minha é esta.
—Não, esta é a minha!

Ora essa!...
Entram. E á luz do gaz da escada reconhecem-se.

O marido tinha acompanhado a casa sua propria mulher.

Conselhos aos barbeiros.—Na America um mestre barbeiro teve de lucros o anno passado a bagatella de oito mil duros, mas para isso empregou na sua loja officiaes surdos-mudos; de maneira que não podendo elles ser tagarellas, não augmentavam os freguezes.

Aproveitem o conselho que se não arrependerão; a difficuldade está em encontrar os officiaes, que se encontram na America.

VARIEDADES

Cavaco sobre os Lazaristas, do sr. Ennes.

Deixemos D. Joaquina que recomenda a Ernesto que acompanhe seu pae, e por fim faz uma caretta ao primo, quando este lhe falla da irmã, e venham á scena o sr. Carlos e o sr. Ernesto.

A conversação é edificante.
Ernesto receia que a priminha tenha dado em beata e que se não realice o seu casamento com ella. Pode querer professar no instituto de S. Vicente de Paulo e por isso fugir-lhe a pequena (é a fortuna que talvez, em elle casando, podesse espalhar-se pelas cantoras da «Opera»).

Carlos de Magalhães, liberal pelos quatro costados, protesta pela firmeza de suas convicções; aborrece os jesuitas e irmãs da caridade, injuria-as, chama corvos aos padres, e Ernesto lisongea as ideias do velho liberal e o nome glorioso de seu futuro sogro.

A pequena chega affim acompanhada pela mana e pelo padre Bergeret; mostra-se tímida; baixa os olhos encarando com o primo, que deve usar a luqueta do sr. Ennes; o pae abraça a filha em effusões de ternura; e depois engelha a caratona ao fitar o padre; Ernesto dirige a este um doesto; e os dois lá se bispam com a pequena, ficando

Joaquina e D. José
Em plena scena installados
Com o padre Bergeret.

(O drama do sr. Ennes não tem monologos. Fez bem o dramaturgo. O actor, achado-se só em scena, pôde encavacar, e o drama do sr. Ennes poderia perder com isso d'aquella força e animosidade que o caracteriza).

Na quarta scena d'este acto já se deixa conhecer bem todo o enredo. O pae liberal, a filha beata, o sobrinho peralvilho, lá andam pelo jardim a fazer ramos de macacos amarellos, em quanto a mana Joaquina, o D. José, com quem deseja casar, e o padre Bergeret urdem a tea em que procuram apanhar a pequena e a sua fortuna.

Ora o sr. Ennes não foi feliz na concepção do tal drama.

Por honra do seu heroe Carlos de Magalhães, não lhe concedeu um filho ou filha, que fosse modelo de virtudes, que deviam brotar do seio d'uma familia embalada no berço da liberdade. D. Joaquina, a filha mais velha do heroe liberal, era já pessima esposa e dissipadora, antes de

ser beata. Isto foi esquecimento imperdoavel do sr. Ennes. Os lazaristas é que deviam fazer perder Joaquina, como perderam a irmã, e não o despeito das honras de seu marido, do seu talento, ou talvez as suas ideias liberaes. Não se affija o sr. Ennes com este desar; pense emendar n'esta parte o seu drama, fume um charuto e limpe a luqueta ao seu lenço branco.

Segundo acto.—Que o sr. Ennes, amestrado em coisas de igreja, farejasse conversações em sachristia, vá; mas que n'ella encaixasse um padre a arengar homilias, isto só do sr. Ennes! Com que então, sr. Ennes, o sermão de Santo Ignacio é feito na sachristia?! Provavelmente será a missa no côro e a procissão no telhado.

Além d'estes disparates do sr. Ennes, onde viu o dramaturgo um padre, fazendo uma prédica, dirigir-se n'ella particularmente a uma ouvinte e cair esta aos pés d'elle confessando sua culpa?

O padre no pulpito reprehende geralmente o vicio e exalta a virtude, mas nunca ninguem disse que um piégador se dirigiu a um *quidam*, a não ser fallando d'algum impio que com o poder do *mando* afflige a Igreja Catholica.

Talvez que na egrejinha maçonica sejam os seus membros reprehendidos em particular; em nossos templos, não. Diz-se, sim, que o ceo é para os bons e o inferno para os maus.

Ora o sr. Ennes com a gloria das campanhas não se importa com ceu nem inferno e contenta-se com pouco—cobres no bolso e bravos e palmas no Gymnasio e S. Geraldo, etc. Apoiado!

Terceiro acto.—No segundo acto toquei de leve na conversação propria de lupanar, porque não sei de nojo como o conte; agora do fim do mesmo quando o tal Ernesto acaba—a guerra, a guerra, por honra da liberdade—, direi que á platea cumpria acabar por um famoso—PUM!

Fallemos do terceiro acto.
O pae das filhas perdidas, das quaes nem a primeira floriu á sombra da liberdade, nem a segunda se casou por causa dos «lazaristas», anda n'este acto agonizante amparado pelas filhas e sobrinho. Continua ainda a vociferar contra os padres e diz sempre, sempre, para que não reste devida, que é liberal.

* Lamenta que a filha seja beata e que não queira casar-se. No fim de contas morre (o actor, para ir dormir no Hotel Real), mas antes de morrer assigna um papel que Ernesto rasga, papel que contém uma retractação de suas ideias falsas.

O D. José já não casa com a D. Joaquina, e esta com o primo injuria o padre Bergeret, (lazarista d'uma certa escola) que leva a pequena e o dinheiro, e contemta-se com urrar com toda a força do desespero:—Salvemos a liberdade!

E' este, em o resumo, o drama os «Lazaristas», que tem sido objecto de guerra entre gregos e troianos e com que julgaram os *bandeirinhas* do Porto vinrem esmagar Braga, trazendo d'alli uma plateia completa. Muitos d'elles não podiam medir no dia seguinte um metro de *basofia* e outros nem sequer furar com a sovela. Tal era o estado em que tinham as *mimosas* mãos por causa das palmas!

E digam lá que custa muito a gloria e um nome illustre!

Para o sr. Ennes apenas alguns dias de liça com sua penna d'oiro.

Um povo entusiasta o saudou em muitos theatros do fidelissimo reino. *Parbleu!*

Agora sr. Ennes, ao reino dos macacos! ao reino dos macacos! E digo isto por honra da *liberdade*, que de lá nos veio.

ZOPIRO

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

5 Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalessière* du Barry que torna a dar a saúde, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões, (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, dizenteria, colicas, tosses asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da he-

xiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow da exc.^{ma} sr.^a marquez de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova etc. etc.

Certificado do celebre dr. Rudolph Wurzer:

Bonn, 19 de Julho de 1854.

Esta ligeira e agradável farinha é o melhor absorbente; ao mesmo tempo nutritiva e restaurante substitue admiravelmente toda a medicação em muitas doenças. E' de grande utilidade, sobre tudo nas renitencias habituaes do ventre, bem como nas diarrheas, affecções nos rins e na bexiga, na pedra, irritações, inflamações, e caimbras da uretra, e bexiga, nos apertos e hemorroides bem como nas enfermidades pulmonares, bronchites, na tosse e consumpção. Tenho a convicção que a *Revalessière du Barry* tem a propriedade preciosa de curar as molestias heclicas.

Dr. Rud. WURZER

membro de muitas sociedades scientificas.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de $\frac{1}{4}$ kilo, 500; de $\frac{1}{2}$ kilo 800 rs; de um kilo, 15400 reis; de $2\frac{1}{2}$ kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400 reis, e de 12 kilos, 125000 reis.

Os *biscoitos da Revalessière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 15400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalessière chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 15400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.^a—Place Vendôme, 26, Pariz; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12. Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Baharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desfré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povo do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Affonso e Barros, droguitas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

Manoel José Marques, Narciso José Marques, José Antonio Marques, Bernardo José Fernandes Carneiro e Antonio Joaquim Loureiro, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, a todas as pessoas que os obsequiaram por occasião do fallecimento de sua presada esposa, mãe e sogra. A todos protestam sua indelevel gratidão e eterno reconhecimento. (2884)

Manoel José Barbosa de Brito, e suas enteadas Caodida Gonçalves de Carvalho e Brito, e Antonia Maria Gonçalves de Carvalho e Brito, não podendo pessoalmente como muito desejavam agradecer a todas as excellentissimas senhoras e senhores, que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua chorada esposa e mãe Maria Rosa de Carvalho e Brito, veem por este meio dar publico testemunho de seu reconhecimento e gratidão, com especialidade ao snrs. ecclesiasticos que gratuitamente se prestaram a assistir aos suffragios que por alma da mesma se fizeram na veneravel Ordem Terceira. (2883)

José de Lima Pereira, e suas irmãs, filhos e sobrinhos, agradecem por este meio na impossibilidade de o fazerem de outra forma como era do seu dever, a todas as pessoas, especialmente ás de suas relações que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu presado irmão e thio José Maria de Lima, e que se dignaram assistir aos officios que por sua alma tiveram logar no dia 25 do corrente na real igreja de Santa Cruz, d'esta cidade, a todos protestam seu eterno reconhecimento e gratidão. (2876)

Maria do Soccorro Paiva e Aguiar, Bartholomeu José de Paiva, capitão em Loanda, João Luiz de Paiva, ausente no Rio de Janeiro, e Domingos José de Sousa Aguiar, agradecem por esta fórma, não o podendo fazer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e prestar-lhes seus serviços por occasião do fallecimento de seu presado pae e sogro, Antonio José de Paiva, a todos agradecem seus obsequios e protestam seu reconhecimento.

D. Rosa Clara de Lima, seus irmãos, cunhado e sobrinhos, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que os visitaram e obsequiaram por occasião do fallecimento e enterro de sua presado irmão, cunhado e thio o ill.^{mo} sr. José Maria Lima da Silva, cujo enterro teve logar no dia 18 do corrente. (2875)

ANNUNCIOS

Machinas de pequenas impressões.

Livraria Catholica

DE

Joaquim José Vieira da Rocha,

10—Rua do Souto—10

BRAGA.

Imprime cartões de visita e de casamento; marca papel, enveloppes e faz pequenas facturas.

Preços commodos. (2870)

Banco Commercial Agricola e Industrial de Villa Real

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Por ordem do exc.^{mo} sr. presidente da Assembleia geral, são convidados os snrs. accionistas do mesmo Banco a comparecerem na sessão ordinaria da assembleia geral, que hade ter logar pelas 11 horas da manhã do dia 18 de janeiro proximo, na casa do Banco, para o fim declarado no art. 45.^o dos Estatutos.

São igualmente convidados, para n'essa sessão ou na immediata, se proceder á eleição do Vice-presidente e do primeiro secretario da assembleia geral e d'um vogal effectivo do conselho fiscal, cujos cargos se acham vagos.

Villa Real, 30 de dezembro de 1875.

O 2.^o secretario da Assembleia geral,

(2886) Anselmo Pereira Bahia.

URGENTE

Precisa-se alugar uma loja ou salão, que tenha as condições necessarias para dança. Tambem se precisa d'um piano. Quem os tiver e queira arrendar, dirija-se ao Hotel Particular, no largo da Porta Nova. (2885)

ASYLO DE S. JOSE'

São por este meio convidados os beneficeiros do Asylo dos entrevados de S. José a reunirem-se no dia 9 do corrente pelas 11 horas da manhã no edificio do mesmo Asylo, afim de elegerem a Junta administradora que tem de gerir o mesmo estabelecimento no corrente anno de 1876.

O secretario

(2887) José da Rocha Veiga.

lucionario, protestam energicamente contra toda a tendencia que affecte essas immundidades, que são a condição essencial da união das provincias vascas á Hispanha.

No entretanto, os verdadeiros interessados, os vascos, sem se occuparem do que pôde dizer ou fazer o governo de Madrid e seus approvadores ou contradictores, estreitam as suas fileiras em volta do rei legitimo que legalmente proclamaram por seu senhor e mestre, e saberão, com elle, impôr pelas armas, ao resto da Hispanha, o respeito de seus direitos, de suas franquias e de suas instituições.

O general Egaña completamente restabelecido da sua quèda, que poderia ter graves consequencias sobre um corpo como o seu, crivado de 18 feridas, retomou o seu serviço de ajudante de campo junto de s. m. o rei Carlos VII.

Os generaes Mogroviçjo, Valdespina, Iparraguirre e Lizarraga, assim como o brigadeiro Boet, fazem igualmente parte da comitiva do rei durante a sua estada em Durango, que fica apenas a 6 leguas de Vitoria, residencia do general Quesada, e 3 de Bilbau, a cidade rebelde e toquê, como a classificaram seus habitantes depois que reconheceram a loucura de se sacrificarem por ingratos, insurgindo-se contra o rei legitimo, que, por vontade ou á força, deverão dentro em pouco admitir por senhor de Biscaya.

Na manhã do dia 23 os carlistas assestaram uma nova bateria contra o forte de Santa Barbara de Hernani. Esta bateria, estabelecida sobre o pincaro de Arriarte, tem occasionado sérias perdas ao inimigo e causado grandes damnos áquelle forte.

O fim principal d'este ataque, organizado pelo general Rodriguez, commandante general da Guipuzcoa, era obrigar o inimigo a sair do recinto de seus fortes para o bater e vencer a descoberto.

Por volta do meio dia um espesso nevoeiro fez suspender o fogo, sem que o inimigo tivesse tentado a menor sortida. Não sabemos ainda se é necessario attribuir a sua inacção, ou insufficiencia de suas forças, ou ao nevoeiro, ou á confusão em que o poz o fogo dos nossos canhões.

Por extracto:

De Saint-Chéron.

GAZETILHA

Horroroso incendio.—Na madrugada de domingo accordou esta cidade aos repetidos toques de incendio, manifestado n'um predio, na Cruz de Pedra, onde vivia o sr. dr. João de Mendonça e pertencente ao mesmo sr.

Quando poderam ser prestados os primeiros socorros, já o incendio havia tomado terribes proporções e reduzido a cinzas grande parte d'aquelle formoso edificio.

Poucos momentos depois era horroroso o espectáculo que se apresentava aos olhos dos que tinham concorrido ao lugar do sinistro. Por toda a parte linguas de fogo saiam com tal impetuosidade e ruído que parecia procederem de toda a cidade em chamma. Fragmentos de telha ou de madeiras cortavam os ares em todas as direcções, impellidos pelo terrivel elemento, e iam cair a espantosa distancia, ainda chamejando.

Não obstante os esforços heroicos da companhia de bombeiros e de numerosos particulares, o predio ficou reduzido a cinzas, sendo poucos os objectos que poderam ser salvos, e ainda assim quasi todos damnificados.

O fogo communicou-se a duas casas proximas, que tambem soffreram bastante.

Para se conseguir a completa extincção do incendio, um dos mais horrorosos que tem presenciado esta cidade, foi preciso trabalhar todo o dia de domingo.

Um dos individuos que alli concorreu, por nome João Macieira, caidador, achase em perigo de vida, em consequencia de ser contundido no peito por um barrote, na occasião em que abateu parte do telhado.

Não nos consta que haja mais desgraças pessoas a lamentar.

Prisão.—Já se acha preso o creado que ha dias dissemos ter industriosamente furtado varios objectos ao sr. Falcão, das Carvalheiras.

Suspensão.—O nosso illustrado collega da capital, «Jornal de Lisboa», suspenso por alguns dias a sua publicação.

Deu causa a esta suspensão, a mudança das officinas e do escriptorio do mesmo jornal.

Azeite novo.—Tem já apparecido no mercado de Coimbra muita quantidade de azeite novo; mas sustenta o preço de 1\$220 rs. o alqueire.

Noticias de Macau.—Alcançam as ultimas a 2 de novembro. Continuava desgraçadissimo o estado da colonia.

Da missão que o governador enviára ao vice-rei do Cantão, ácerca das vexações que os cruzeiros chinezes faziam ao commercio licito de Macau, não era conhecido o resultado, e mal d'elle se agou-rava. Muitas lojas das chinas estavam fechadas, e era geral a desanimacção, escarcando cada vez mais os rendimentos publicos.

O Deão e governador do bispado, o reverendo Manuel Lourenço de Gouveia, parece que decidira continuar n'este cargo, que aceitára com grande repugnancia, até chegar o novo bispo o sr. D. Manuel Eves, cuja demora tão lastimada e prejudicial é, o que muito animára a gente boa de Macau, receiosa de que tão digno sacerdote deixasse de governar o bispado, e todo caisse na precedente anarchia e vergonha na administração ecclesiastica.

Consta-nos que o dicto sr. bispo D. Manuel, solicita e consegue, em attenção á sua idade e pessimo estado de saúde, ser transferido para alguma diocese do reino, e que se trata de apresentar novo bispo para Macau. Deus permitta que o governo faça boa escolha, não só nos dotes intellectuaes e moraes, mas tambem nas forças físicas e idade de acção e energia, que tão necessaria é nos bispos do ultramar.

O seminario de Macau muito tem melhorado do anterior estado de desorganisação, desleixo, e desperdicio de seus fundos e rendimentos, a que o levou a deploravel e criminosa administração do sr. padre Antonio Luiz de Carvalho, ex-governador do bispado.

Os sacerdotes alumnos do collegio das Missões de Sernache, alli fazem bons serviços, e alguns iam partir para a missão de Timor. Um d'elles o rev.^o padre Gomes tem-se distinguido entre seus companheiros, e até no pulpito, como se vê na noticia que em seguida copiamos do «Jornal de Macau», de 20 d'outubro ácerca da solemnidade do Jubileu do Anno Santo, praticada com muita concorrencia e esplendor n'aquella cidade:

«Como estava annunciado tiveram lugar nos dias 15, 16 e 17 do corrente as procissões em visita ás igrejas determinadas e os exercicios e praticas religiosas.

A primeira pratica do dia 15 foi feita pelo rev.^o padre Medeiros, reitor do Seminario, na qual desenvolveu com argumentos solidos o verdadeiro fim do homem, e concluiu por exhortar a todos que seguissem os preceitos da nossa santa Religião, observando os Mandamentos de Deus e da Igreja, como os unicos meios que nos levam ao nosso verdadeiro fim. Em á seguida á pratica houve um bocado de leitura espiritual feita pelo rev.^o padre Alves, que acabou ao meio dia. De tarde fez a pratica o exm.^o sr. Governador do bispado, a qual versou sobre o Jubileu, sua instituição, e as condições indispensaveis para o ganhar. Depois da pratica começou logo a procissão.

No dia seguinte (16) ás mesmas horas e com a mesma ordem tiveram lugar os exercicios e praticas do dia antecedente, sendo porém feita a pratica de manhã pelo rev.^o padre Gomes, o qual servindo-se do texto, *Qui vult venire post me abneget semetipsum et tollat crucem suam*, fallou admiravelmente sobre as cruzes; que, com animo e fortaleza, devemos levar até ao fim da nossa carreira mortal.

No terceiro dia (17) tornou a apparecer no pulpito o rev.^o padre Medeiros, fazendo a pratica de manhã, a qual versou sobre o peccado e sobre as suas funestas consequencias. A um sacerdote ouvimos nós dizer que, depois da saida dos jesuitas, não tinha ainda havido pratica igual á que n'este dia fez o rev.^o padre Medeiros.

Foram, emfim, 3 dias de verdadeira penitencia; 3 dias de muita edificacção religiosa, e em que houve mais de 3.000 communhões! São muitos os fructos que d'elles se tiraram, e d'um individuo sabemos nós, que, depois de ouvir uma das praticas, fôra ter com o padre pré-gador e lhe dissera pouco mais ou menos n'estes termos: «Padre, ha 16 annos que me não confesso. Reconheço o mal

que fiz, e estou resolvido a emendar-me e a mudar de vida; quero confessar-me e observar as condições necessarias para ganhar este jubileu!»

A Cathedral esteve quasi apinhada de fieis em todos os 3 dias, e todos ou a maior parte animados do espirito de Deus, e do desejo do bem de suas almas. Todos observavam o mais profundo silencio, e todos mostravam sentimentos de grande compuncção e respeito, chegando muitos individuos a estarem de pé quasi 2 horas, sem mostrarem o menor movimento de enfado ou cansaço.

O ex.^{mo} governador do bispado andava sempre risonho, e parecia indicar que grande alegria e consolação experimentava ao ver a gloria que a Deus davam os seus diocesanos, que tão dispostos estavam a ganhar o Jubileu.

A's procissões concorreu um numero incalculavel de catholicos que tomavam grande extensão, caminhando todos com muito respeito e devoção. A ordem da procissão era a seguinte: Adiante de todos ia a cruz da Se, em seguida a confraria de Nossa Senhora do Rosario, a cruz e a confraria da Ordem Terceira, e atraz d'esta os homens. Depois dos homens seguia-se a comunidade do Seminario e o clero todo. Fechavam emfim a procissão as mulheres que excediam o numero de homens.

Quem chegasse a Macau n'esses dias não poderia deixar de exclamar admirado: «O povo de Macau é profundamente religioso!» E é com effeito: religião, tem-na elle arraigada no coração, o que lhe falta e bastante é uma sólida instrucção religiosa. E' por isso, que muito seria para desejar, que sua ex.^a o sr. governador do bispado, para não deixar tambem perder o fructo d'estes dias de santificação, ordenasse que em todos os domingos houvesse, pelo menos na Cathedral, uma pratica e explicação do catecismo feita por algum dos rev.^{os} padres que tiveram a graça de n'estes dias tocar o coração dos fieis.

Antes de acabar este artigo, não podemos deixar de manifestar a nossa magoa, por vermos um militar que apparecia n'esses dias no meio das ruas para mostrar a sua ignorancia e falta de educação conservando-se com o *bonet* na cabeça e com o charuto na bocca ao passar em frente do angusto simbolo da nossa redempção, em frente d'um Deus humanado e pregado n'uma cruz por causa dos homens! Um militar, e um militar catholico e portuguez portar-se assim! Que escandalo! que vergonha! que miseria! um protestante não faria outro tanto! O sr. Ebele e mais outro protestante pararam, tiraram o chapéu, e se conservaram com toda a seriedade enquanto passava a procissão. E o que fazem os protestantes por civilidade sómente, não fará um militar catholico e portuguez?!—[Palavra].

Noticia geografica.—O tenente inglez Cameron, chegou no dia 19 de outubro ultimo a Loanda, na costa occidental de Africa, procedente de Ujidji, d'onde partira em maio de 1874, isto é ha anno e meio. Esta noticia tem para os geografos uma importancia de primeira ordem. E' a primeira vez que o continente africano é atravessado de lado a lado. M. Cameron padeceu grandes trabalhos depois da sua partida de Zanzibar, para chegar á cidade de Ujidji, no lago Tanganika; no caminho perdeu dois companheiros europeus.

Nesta viagem o viajante Cameron rectificou o mappa do lago Tanganika, explorou o Loukonga, rio pelo qual o grande lago africano derrama as suas aguas para oeste, na região onde morreu o dr. Livingstone, e onde este celebre investigador encontrára uma serie de lagos e de rios que tomou pelas nascentes do Nilo e que podem muito bem ser as do Congo. A chegada do tenente Cameron a Loanda parece demonstrar a realidade d'esta ultima hypothese.

Monumento a Christovão Colombo.—Eis a descripção de um monumento que vai ser levantado a Christovão Colombo n'uma das grandes praças publicas do Mexico.

O celebre navegante está de pé, com uma das mãos erguida para o céu, como quem dá graças á Providencia e com a outra designando no mappa-mundi a descoberta da America.

Ao seu lado estão: Leon Diego, a quem Colombo deveu o não ser queimado pela inquisição; Juan Perez de Marcheno, superior do convento Provido, cuja activa collaboração contribuiu para a descoberta

do Novo-Mundo: Lascasas, bispo que se expatriou para ir catechisar os infieis das Novas Indias; e emfim um missionario prégando a palavra de Deus a um joven indio.

Estas 5 figuras de bronze, habilmente agrupadas em volta do personagem principal, produzem um bello effeito. A altura total do monumento é de 10 metros.

O pedestal é ornado de dois baixos relevos, representando a igreja e o desembarque de Christovão Colombo.

As estatuas são obra do escultor Gordeiro, e pesam 150.000 kilogrammas.

Exequias.—No dia 3 do corrente tiveram lugar na igreja do Hospital da S. Marcos d'esta cidade as exequias previamente annunciadas, suffragando a alma do generoso bemfeitor d'aquelle estabelecimento, o rev.^o abbade Antonio Joaquim Nunes d'Abreu, ultimamente fallecido. A este acto assistiu a exc.^{ma} Mesa da Santa Casa da Misericordia, os testamenteiros e alguns amigos do finado.

Cabe aqui louvar a respectiva administração pela resolução que tomou em tributar d'esta forma toda a sua gratidão e reconhecimento a tão insigne bemfeitor. Honra lhe seja.

Pobreza d'homens celebres.—Homero viveu e morreu na mendicidade. Tasso não pode comprar uma vela para escrever de noute a famosa *Jerusalem*. Esopo foi um desgraçado que se despenhou no monte Delphos. Olivay expirou n'um palheiro. Bethneis morreu de miseria n'um celeiro. Murillo percorria descalço as ruas de Sevilha. Le Sage viveu de esmolas. Corneille não teve no dia da sua morte uma tijella de caldo. Adamsou não sahia á rua por não ter calçado. Cervantes escreveu o seu immortal *D. Quixote* n'um calabouço, e morreu de miseria e desesperação. Camões morreu n'um hospital.

Roubo sacrilego.—Na noite de 21 para 22 do passado, foram roubados da igreja parochial de Santo Aleixo, do concelho de Moura, no Alemtejo, os vasos de prata em que achavam os santos oleos e as formulas sagradas.

Suppõe-se que foi mais do que um delinquente.

Para perpetrarem o roubo, arrombaram as portas da igreja com uma paá, depois arrombaram o sacario e fizeram ainda outros arrombamentos interiores.

Calcula-se o valor do roubo em 60\$ a 70\$000 réis.

Passo gratuito.—Por portaria do ministro das obras publicas foram auctorisados os directores dos caminhos de ferro do Minho e Douro a conceder passe aos individuos que forem indicados pela sociedade agricola do Porto para transitarem n'aquellas linhas gratuitamente nos mesmos caminhos todos os productos destinados á exposição da Philadelphia.

Sinistros maritimos.—Continuam os sinistros maritimos.

Um despacho de Hong-Kong, de 21 do passado, dirigido ao Lloyd, annuncia que o navio francez «Amiral Duvaux», indo de Wampoa para Londres, se perdeu completamente no estreito de Sonda.

—Escrevem de Cherburgo:

O paquete da companhia transatlantica «Labrador», procedente de Nova York, teve que arribar aqui por causa do nevoeiro e desembarcou as malas e os passageiros.

Luz electrica.—Uma das mais uteis applicações da luz electrica é a illuminação dos pharoes. No littoral da Inglaterra e França já funcionam alguns pharoes electricos, que prestam relevantes serviços á navegacção, evitando naufragios, e o choque e abalroamento dos navios, quasi sempre perigoso e fatal.

Lutos.—O luto pesado em Portugal até ao reinado de D. Manoel, era de burel branco, sendo até então o traje negro indicio de prazer e alegria. O primeiro luto negro que se usou, foi pela morte de D. Philippa, tia de el-rei D. Manoel. A côr do luto entre os chinas é o branco, symbolo da pureza das almas soltas dos laços terrestres. Entre os Armenios, Syrios e Turcos é o azul, côr de ceu. Na Ethiopia é a côr da terra que recebe os restos mortaes. No Egypto é o amarello, côr de folha quando cae e morre.

O Vesuvio.—A erupção do Vesuvio continúa accentuando-se cada vez mais, tendo apparecido o fogo no interior da cratera; para vel-o é necessario subir ao cimo do monte; o penacho de fumo é immenso, e como o professor Palmieri annuncia do observatorio situado a meio da montanha, que a erupção durará provavelmente muito tempo, é grande o desasoscego nas povoações da Torre del Greco,

Resina, Somma e outras situadas proximo do Vesuvio.

Estatistica.—Segundo dados estatisticos publicados no *Almanach de Gotha* para 1876, ha em Franca 35 milhoes de catholicos, cerca de 500:000 protestantes, 49:000 judeus, 3:071 individuos pertencentes a diversos cultos, isto é, mahometanos, boudhistas, etc. e 82:000 francezes que declararam não reconhecer religião alguma.

Scena do nevoeiro em Pariz.—Um sugeito e uma senhora, que apesar de estarem um ao pé do outro não differencavam senão os vultos:

—Permitte-me que a acompanhe a casa?
—E' inutil, senhor, estou quasi ao pé da minha porta.

—Tenho immensa pena, minha senhora.
—Eu vou com pressa porque meu marido deve estar com cuidado se já chegou a casa.

—Ah! E' casada?
—Infelizmente!

—Tambem eu! desgraçadamente!
Suspiraram ambos. D'alli a passos:

—Peço-lhe que se vá embora. Eis-me chegada a casa.

—Tambem eu.
—A minha é esta.

—Não, esta é a minha!
Ora essa!...

Entram. E á luz do gaz da escada reconhecem-se.

O marido tinha acompanhado a casa sua propria mulher.

Conselhos aos barbeiros.—Na America um mestres barbeiro teve de lucros o anno passado a bagatella de oito mil duros, mas para isso empregou na sua loja officiaes surdos-mudos; de maneira que não podendo elles ser tagarellas, não afugentavam os freguezes.

Aproveitem o conselho que se não arrependerão; a difficuldade está em encontrar os officiaes, que se encontram na America.

VARIÉDADES

Cavaco sobre os Lazaristas, do sr. Ennes.

Deixemos D. Joaquina que recomenda a Ernesto que acompanhe seu pae, e por fim faz uma caretta ao primo, quando este lhe falla da irmã, e venham á scena o sr. Carlos e o sr. Ernesto.

A conversação é edificante.

Ernesto receia que a priminha tenha dado em beata e que se não realice o seu casamento com ella. Pode querer professar no instituto de S. Vicente de Paulo e por isso fugir-lhe a pequena (e a fortuna que talvez, em elle casando, podesse espalhar-se pelas cantoras da «Opera»).

Carlos de Magalhães, liberal pelos quatro costados, protesta pela firmeza de suas convicções; aborrece os jesuitas e irmãs da caridade, injuria-as, chama corvos aos padres, e Ernesto lisongea as ideias do velho liberal e o nome glorioso de seu futuro sogro.

A pequena chega affim acompanhada pela mana e pelo padre Bergeret; mostra-se tímida; baixa os olhos encarando com o primo, que deve usar a luqueta do sr. Ennes; o pae abraça a filha em effusões de ternura; e depois engelha a carantomba ao fitar o padre; Ernesto dirige a este um doesto; e os dois lá se bispam com a pequena, ficando

Joaquina e D. José
Em plena scena installados
Com o padre Bergeret.

(O drama do sr. Ennes não tem monologos. Fez bem o dramaturgo. O actor, achado-se só em scena, pôde encavacar, e o drama do sr. Ennes poderia perder com isso d'aquella força e animosidade que o caracteriza).

Na quarta scena d'este acto já se deixa conhecer bem todo o enredo. O pae liberal, a filha beata, o sobrinho peralvilho, lá andam pelo jardim a fazer ramos de macacos amarellos, em quanto a mana Joaquina, o D. José, com quem deseja casar, e o padre Bergeret urdem a tea em que procuram apanhar a pequena e a sua fortuna.

Ora o sr. Ennes não foi feliz na concepção do tal drama.

Por honra do seu heroe Carlos de Magalhães, não lhe concedeu um filho ou filha, que fosse modelo de virtudes, que deviam brotar do seio d'uma familia embalada no berço da liberdade. D. Joaquina, a filha mais velha do heroe liberal, era já pessima espasa e dissipadora, antes de

ser beata. Isto foi esquecimento imperdoavel do sr. Ennes. Os lazaristas é que deviam fazer perder Joaquina, como perderam a irmã, e não o despeito das honras de seu marido, do seu talento, ou talvez as suas ideias liberaes. Não se affija o sr. Ennes com este desar; pense emendar d'esta parte o seu drama, fume um charuto e limpe a luqueta ao seu lenço branco.

Segundo acto.—Que o sr. Ennes, amestrado em coisas de igreja, farejasse conversações em sachristia, vá; mas que n'ella encaixasse um padre a arengar homilias, isto só do sr. Ennes! Com que então, sr. Ennes, o sermão de Santo Ignacio é feito na sachristia?! Provavelmente será a missa no côro e a procissão no telhado.

Além d'estes disparates do sr. Ennes, onde viu o dramaturgo um padre, fazendo uma prédica, dirigir-se n'ella particularmente a uma ouvinte e cair esta aos pés d'elle confessando sua culpa?

O padre no pulpito reprehende geralmente o vicio e exalta a virtude, mas nunca ninguem disse que um pregador se dirigiu a um *quidam*, a não ser fallando d'algum impio que com o poder do *mando* afflige a Igreja Catholica.

Talvez que na egrejinha maçonica sejam os seus membros reprehendidos em particular; em nossos templos, não. Diz-se, sim, que o ceo é para os bons e o inferno para os maus.

Ora o sr. Ennes com a gloria das campanhas não se importa com ceu nem inferno e contenta-se com pouco—cobres no bolso e bravos e palmas no Gymnasio e S. Geraldo, etc. Apoiado!

Terceiro acto.—No segundo acto toquei de leve na conversação propria de lupanar, porque «não sei de nojo como o conte»; agora do fim do mesmo quando o tal Ernesto acaba—a guerra, a guerra, por honra da liberdade—, direi que á platea cumpria acabar por um famoso—PUM!

Fallemos do terceiro acto.

O pae das filhas perdidas, das quaes nem a primeira floriu á sombra da liberdade, nem a segunda se casou por causa dos «lazaristas», anda n'este acto agonizante amparado pelas filhas e sobrinho. Continua ainda a vociferar contra os padres e diz sempre, sempre, para que não reste duvida, que é liberal.

Lamenta que a filha seja beata e que não queira casar-se. No fim de contas morre (o actor, para ir dormir no Hotel Real), mas antes de morrer assigna um papel que Ernesto rasga, papel que contém uma retractação de suas ideias falsas.

O D. José já não casa com a D. Joaquina, e esta com o primo injuria o padre Bergeret, (lazarista d'uma certa escola) que leva a pequena e o dinheiro, e contenta-se com urrar com toda a força do desespero:—Salvem a liberdade!

E' este, em o resumo, o drama os «Lazaristas», que tem sido objecto de guerra entre gregos e troianos e com que julgaram os *bandeirinhas* do Porto virem esmagar Braga, trazendo d'alli uma plateia completa. Muitos d'elles não podiam medir no dia seguinte um metro de *basofia* e outros nem sequer forar coma sovela. Tal era o estado em que tinham as *mimosas* mãos por causa das palmas!

E digam lá que custa muito a gloria e um nome illustre!

Para o sr. Ennes apenas alguns dias de liça com sua penna d'oiro.

Um povo entusiasta o saudou em muitos theatros do fidelissimo reino. *Parbleu!*

Agora sr. Ennes, ao reino dos macacos! ao reino dos macacos! E digo isto por honra da liberdade, que de lá nos veio.

ZOPIRO

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despesas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

5 Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescière* do Barry que torna a dar a saude, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões, (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, dizenteria, colicas, tosses asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da be-

xiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow da exc.^{ma} sr.^a marquez de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova etc. etc. Certificado do celebre dr. Rudolph Wurzer:

Bonn, 19 de Julho de 1854.

Esta ligeira e agradável farinha é o melhor absorbente; ao mesmo tempo nutritiva e restaurante substitue admiravelmente toda a medicação em muitas doenças. E' de grande utilidade, sobre tudo nas renitencias habituaes do ventre, bem como nas diarrheas, affecções nos rins e na bexiga, na pedra, irritações, inflamações, e caimbras da uretra, e bexiga, nos apertos e hemorroides bem como nas enfermidades pulmonares, bronchites, na tosse e consumpção. Tenho a convicção que a *Revalescière du Barry* tem a propriedade preciosa de curar as molestias heclicas.

Dr. Rud. WURZER

membro de muitas sociedades scientificas.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de $\frac{1}{4}$ kilo, 500; de $\frac{1}{2}$ kilo 800 rs; de um kilo, 15400 reis; de $2\frac{1}{2}$ kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400 reis, e de 12 kilos, 125000 reis.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 15400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a *Revalescière chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 15400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.^a—Place Vendôme, 26, Pariz; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desféré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povo do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Affonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

Manoel José Marques, Narciso José Marques, José Antonio Marques, Bernardo José Fernandes Carneiro e Antonio Joaquim Loureiro, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, a todas as pessoas que os obsequiaram por occasião do fallecimento de sua presada esposa, mãe e sogra. A todos protestam sua indelevel gratidão e eterno reconhecimento. (2834)

Manoel José Barbosa de Brito, e suas eotheadas Candida Gonçalves de Carvalho e Brito, e Antonia Maria Gonçalves de Carvalho e Brito, não podendo pessoalmente como muito desejavam agradecer a todas as excellentissimas senhoras e senhores, que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua chorada esposa e mãe Maria Rosa de Carvalho e Brito, veem por este meio dar publico testemunho de seu reconhecimento e gratidão, com especialidade ao snrs. ecclesiasticos que gratuitamente se prestaram a assistir aos suffragios que por alma da mesma se fizeram na veneravel Ordem Terceira. (2833)

José de Lima Pereira, e suas irmãs, filhos e sobrinhos, agradecem por este meio na impossibilidade de o fazerem de outra forma como era do seu dever, a todas as pessoas, especialmente ás de suas relações que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu presado irmão e thio José Maria de Lima, e que se dignaram assistir aos officios que por sua alma tiveram logar no dia 23 do corrente na real igreja de Santa Cruz, d'esta cidade, a todos protestam seu eterno reconhecimento e gratidão. (2876)

Maria do Socorro Paiva e Aguiar, Bartholomeu José de Paiva, capitão em Loanda, João Luiz de Paiva, ausente no Rio de Janeiro, e Domingos José de Sousa Aguiar, agradecem por esta fórma, não o podendo fazer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e prestar-lhes seus serviços por occasião do fallecimento de seu presado pae e sogro, Antonio José de Paiva, a todos agradecem seus obsequios e protestam seu reconhecimento. (2875)

D. Rosa Clara de Lima, seus irmãos, cunhado e sobrinhos, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. que os visitaram e obsequiaram por occasião do fallecimento e enterro de seu presado irmão, cunhado e thio o ill.^{mo} sr. José Maria Lima da Silva, cujo enterro teve logar no dia 18 do corrente. (2875)

ANNUNCIOS

Machinas de pequenas impressões.

Livraria Catholica

DE

Joaquim José Vieira da Rocha,

10—Rua do Souto—10

BRAGA.

Imprime cartões de visita e de casamento; marca papel, enveloppes e faz pequenas facturas. Preços commodos. (2870)

Banco Commercial Agricola e Industrial de Villa Real

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Por ordem do exc.^{mo} sr. presidente da Assembleia geral, são convidados os snrs. accionistas do mesmo Banco a comparecerem na sessão ordinaria da assembleia geral, que hade ter logar pelas 11 horas da manhã do dia 18 de janeiro proximo, na casa do Banco, para o fim declarado no art. 45.^o dos Estatutos.

São igualmente convidados, para n'essa sessão ou na immediata, se proceder á eleição do Vice-presidente e do primeiro secretario da assembleia geral e d'um vogal effectivo do conselho fiscal, cujos cargos se acham vagos.

Villa Real, 30 de dezembro de 1875.

O 2.^o secretario da Assembleia geral,

(2886)

Anselmo Pereira Bahia.

URGENTE

Precisa-se alugar uma loja ou salão, que tenha as condições necessarias para dança. Tambem se precisa d'um piano. Quem os tiver e queira arrendar, dirija-se ao Hotel Particular, no largo da Porta Nova. (2885)

ASYLO DE S. JOSE

São por este meio convidados os beneficeiros do Asylo dos entrevados de S. José a reunirem-se no dia 9 do corrente pelas 11 horas da manhã no edificio do mesmo Asylo, afim de elegerem a Junta administradora que tem de gerir o mesmo estabelecimento no corrente anno de 1876.

O secretario

(2887)

José da Rocha Veiga.

